



O Livro Digital e as Novas Necessidades de Produção e Leitura¹

Fabírcia GUEDES²
Marriett ALBUQUERQUE³
Filipe ALMEIDA⁴
Marcos NICOLAU⁵

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Inseridos na sociedade em rede e envolvidos pela tecnologia do digital, vimos surgir uma era de convergência responsável por grandes transformações midiáticas. Entre elas, o advento do livro digital, uma nova forma de produzir, difundir e ler livros, diferente do processo que conhecemos há mais de 500 anos, com a cultura do impresso. Produzidos em formatos chamados de *eBook*, o livro digital, longe de querer substituir o livro impresso, vem, antes de tudo, para suprir e atender novas necessidades e usos de uma sociedade que tem na internet seu novo ambiente de interação e democratização do conhecimento. Portanto, diante das mudanças editoriais que nos arrebatam, queremos saber que necessidades nos movem à produção e leitura desse atual formado de livro.

PALAVRAS-CHAVE: livro impresso; livro digital; produção editorial; leitura.

INTRODUÇÃO

O livro tem como características básicas, o fato de ser um suporte manual de conteúdos, passível de ser transportado e lido, página a página pelo seu usuário, permitindo destaques e anotações em trechos, para posterior uso. E tem sido assim durante mais de quinhentos anos, desde que Johannes Gutenberg criou a prensa tipográfica para reprodução mecânica de textos. Embora tenha se originado do códice, com seu ajuntamento de páginas presas pelo dorso há mais de dois mil anos, é com os

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Graduanda no curso de Comunicação em Mídias Digitais da UFPB. Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIVIC) da UFPB/CNPq. Integrante do Projeto Para Ler o Digital. Email: fabriciakguedes@gmail.com

³ Graduanda no curso de Comunicação em Mídias Digitais da UFPB. Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da UFPB/CNPq. Integrante do Projeto Para Ler o Digital. Email: kmd.albuquerque@gmail.com

⁴ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB). Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas - Gmid/PPGC e do Projeto Para Ler o Digital. Email: filipekjp@gmail.com

⁵ Professor Pós-Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas - Gmid/PPGC e do Projeto Para Ler o Digital. Email: marcosnicolau.ufpb@gmail.com



recursos de impressão que o livro ganha produção em série e permite a criação da figura do leitor. De acordo com Parry (2012, p. 59), o livro teve uma trajetória extraordinária:

Originalmente uma maneira de registrar tanto os poemas épicos da mitologia grega quanto os pertences dos ricos, apresentava-se sob uma forma que mal seria reconhecível hoje. Tornou-se objeto de veneração cristã, ao alcance apenas de uma elite, para depois converter-se no primeiro meio de comunicação de massas, tendo por muito tempo preponderado em relação aos demais. Como principal dispositivo humano de comunicação por dois milênios, deu origem a um imenso leque de gêneros que revelaram notável capacidade de resistência perante os jornais, a radiodifusão e a Web.

Porém, estamos vivenciando uma época de surpreendente desenvolvimento de tecnologias digitais, que afetam todos os meios de comunicação tradicionais, entre eles, o livro, objeto de nosso estudo. Trata-se de transformações estruturais movidas, não apenas por novos modelos de negócio ou por inovações tecnológicas, mas, principalmente pelo surgimento de novas necessidades e usos para os livros, frente a uma sociedade de informação que tem a comunicação em rede como seu grande processo de funcionamento.

De volume impresso, o livro passou para uma tela digital em um artefato tecnológico cuja grande vantagem é permitir o armazenamento, não mais de uma, mas de centenas de obras. As exigências de uma vida corrida e dinâmica impõem modos de leituras fragmentadas, em qualquer hora e lugar. E não há como dar conta da atualização de conteúdos tão diversificados se não for pelo sistema de formatos em *eBooks* e que se disponibilizam por computadores, *tablets* e *smartphones*.

O objetivo do presente artigo, portanto, é traçar uma trajetória do livro, mediante sua elaboração e funcionalidade, no sentido de compreender como estão se instaurando as novas necessidades e usos de produção e leitura no contexto das tecnologias digitais. Procuramos compreender como está se comportando o mercado editorial, as resistências ao novo suporte tecnológico, bem como as emergências pessoais e profissionais que o livro digital está atendendo.

CONTEXTO HISTÓRICO: SOBRE OS USOS DO LIVRO

O valor histórico e social do livro físico é incalculável. Hoje, é impossível imaginar um mundo onde ele não exista. É através do impresso que a humanidade registra suas memórias e difunde as experiências, ideias e o conhecimento construído através dos séculos.



Utilizado, a princípio, como meio de documentação e registro pelas antigas civilizações, por meio de tabuletas de argila, o artefato que hoje conhecemos como livro, lentamente percorreu o caminho até a popularização do ato de leitura. O invento do sistema fonético, pelos gregos da antiguidade, permitiu o desenvolvimento das narrativas que, em quantidade foram sendo transcritas em papiros e pergaminhos, dando origem, então, ao livro-rolô, conhecido como *volumen*.

Entre várias plataformas, o códice é o que mais se assemelha ao padrão conhecido de livro que tradicionalmente se consagrou. Com ele, a transcrição de textos começava a ganhar dinamicidade e os volumes, maior mobilidade, podendo ser transportados e acessados com facilidade. Por muito tempo, este formato foi utilizado pelo Cristianismo, oportunidade em que surgiu a necessidade de disseminação de seus ensinamentos para além da fala. A religião tornava-se difusor desse veículo. (GHAZIRI, 2009).

Assim, aos poucos era configurado o formato de livro que conhecemos hoje, com folhas de papel encadernadas e protegidas por capas. Um avanço fundamental, neste sentido, foi o surgimento da prensa e depois dos tipos móveis. O livro, sempre escrito à mão, começava a ser impresso e reproduzido em série, passando a ser cada vez mais portátil, popular e acessível. Deixava a restrição dos mosteiros e das bibliotecas, nas quais se concentravam de forma volumosa e pesada.

Esses novos fatores possibilitaram condições para o surgimento da ideia de leitor. O livro, aos poucos, tornava-se um produto disponível ao público consumidor.

A multiplicação dos livros é garantida, primeiro, pela invenção de Gutenberg, segundo, no século XIX, pela industrialização da atividade gráfica e, enfim, no século XX, pela multiplicação das tiragens graças aos livros de bolso. Diante dessa multiplicação, há aqueles que estão em condições de dominá-la porque sua cultura e os instrumentos que ela construiu permitem orientar-se racionalmente nesse mundo prolífico, e aqueles que, completamente desarmados diante desta profusão, fazem as más escolhas e são como que asfixiados ou afogados pela produção escrita. (CHARTIER, 1998, p.110)

O pensamento de que a produção em escala de livros foi bem aceita desde o princípio é equivocada. Assim como o livro eletrônico é rejeitado pelos leitores tradicionais, o livro também sofreu restrições quando começou a ser disseminado na forma impressa, pois causava perturbações na ordem social da época.



O ELETRÔNICO ALIADO AO IMPRESSO

Com a recente popularização dos livros eletrônicos, também chamados de *eBooks*, surge o receio de que este venha a substituir a tradição do impresso por completo. Esta questão vem incomodando os amantes do livro e fazendo com que grande parte deles crie certo preconceito, recusando o formato digital como livro. Mas, para um artefato tecnológico deixar de existir é necessário que, primeiro, perca-se o interesse nele. E o livro impresso dificilmente perderá seu valor, sempre terá seu fiel público leitor, interessado na imersão da leitura de suas páginas.

Da mesma forma que o livro digital traz praticidade para a vida moderna, o impresso também continuará se fazendo necessário e por muitas vezes mais adequado em determinadas situações, pois configura outro perfil de leitura. A questão é que os *eBooks* e livros físicos são produtos distintos, apresentados em mídia e formato diferentes; são lidos de formas diferentes e atendem a variados interesses. Mesmo para os que já nasceram no contexto digital, os chamados cibernativos, é importante que tenham a experiência do impresso, dada a abstração de pensamento que este permite. Sobre isso, Logan (2012, p.220) traz uma reflexão oportuna em sua recente obra:

[...] a leitura em uma tela, não importa quão boa seja a resolução, é uma atividade complicada. O lado direito do cérebro converte os *pixels* em letras e o lado esquerdo do cérebro converte as letras em palavras e frases. Há uma grande quantidade de tráfego através do corpo caloso.

Portanto, não há como dizer que um formato ocupará o espaço do outro. Ao contrário, os livros eletrônicos vêm para agregar ou suprir necessidades da vida moderna. Digital e impresso quase se completam, proporcionando ao leitor um leque maior de opções e facilidades, de acordo com seus interesses pessoais.

Mas qual a diferença entre livro físico e digital? Segundo Machado (1994, *apud* PAULINO, 2009, p.3) o livro impresso é “todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os vãos de sua imaginação”. Partindo desta definição, este autor faz a seguinte reflexão:

O livro, então, pode ser entendido como o veículo ou suporte, tangível ou não, de um conjunto específico de dados, informações ou conhecimentos. O livro eletrônico seria justamente o veículo eletrônico de um conjunto específico de dados, informações ou conhecimentos. Atente-se para o fato de que o Dicionário Aurélio já consigna a expressão "livro eletrônico" como sendo "versão de um livro publicada em mídia digital, como, p. ex., CDROM". (PAULINO, 2009, p.4)



Essa diferença de produto é real. E as pessoas, aos poucos, acostumam-se e percebem a importância do novo formato, não só pelo aspecto da portabilidade e da tecnologia, mas, pela democratização do acesso ao conhecimento.

CONTEXTO ATUAL

O número de brasileiros que lê livros digitais cresce a cada dia. No final do ano passado, esse número já ultrapassava nove milhões de leitores⁶. Com a chegada da Amazon.com ao Brasil, maior varejista de *eBooks* do mundo, o país definitivamente entrou no mercado dos livros digitais. O setor, que está consolidado lá fora, vinha engatinhando a cerca de dois anos por aqui.

Conhecida por suas promoções e preços baixos, a Amazon causou rebuliços ao chegar no Brasil. Porém, esses descontos não chegaram por aqui. A diferença de preços entre os *eBooks* e os impressos ainda é pequena aqui no país, diferentemente dos Estados Unidos. Os *e-readers*, leitores de livros digitais, ainda estão caros no mercado brasileiro, comparado ao americano. O dispositivo de leitura digital Amazon Kindle 4 custa R\$299,00 no Brasil, nos Estados Unidos o mesmo dispositivo custa R\$180,00. O Kobo Touch está sendo vendido no Brasil por R\$399,00 e nos Estados Unidos por R\$190,00⁷.

A entrada dessas empresas mudou o cenário das vendas de *eBooks* no Brasil, instaurando a concorrência entre as lojas brasileiras, Saraiva e Cultura, e as gigantes internacionais, Amazon, Apple e GooglePlay. Com essa disputa, o aperfeiçoamento dos dispositivos, tanto dos aparelhos quanto dos preços mais acessíveis, deverá acontecer em pouco tempo. Além disso, o consumidor passou a ter mais facilidade para comprar *eBooks* e acesso a uma lista extensa de obras.

RESISTÊNCIA AOS EBOOKS

O nascimento do livro digital é movido por um mercado editorial ávido por explorar o oportunismo das novas tecnologias digitais com ambientes de grande presença de usuários. O livro eletrônico surge a partir dos recursos tecnológicos aliados à necessidade de nova forma de leitura por meio de dispositivos diferentes, da portabilidade, da interatividade. A expansão dos *eBooks* está cada vez maior devido a

⁶ Disponível em: http://olhardigital.uol.com.br/produtos/central_de_videos/tablets-vs-e-readers-saiba-mais-das-diferencas-entre-os-dois-tipos-de-aparelho. Acesso em: 22/04/2013.

⁷ Disponível em: <http://www.ebookbr.com/2013/03/os-e-readers-venda-no-brasil.html>. Acesso em: 22/04/2013.



essa adequação dos livros digitais às necessidades da sociedade em rede. Essa expansão é comprovada com o comunicado da Amazon ao anunciar recentemente que a venda de *eBooks* cresceu cerca de 70% no ano de 2012⁸.

Apesar de todo esse crescimento no mercado, os *eBooks* ainda não se firmaram como meio de acesso a leitura. Estudos apontam que os estudantes ainda têm resistência aos livros digitais. A Escola de Administração Ted Rogers, da Universidade de Ryerson, no Canadá, divulgou uma pesquisa na qual os universitários dizem preferir o livro impresso ao digital⁹.

Foram entrevistados 386 estudantes que passaram a usar textos em formato digital nas aulas. Esses universitários foram questionados sobre as facilidades e dificuldades do digital e demonstraram preferência ao modo tradicional de leitura, o impresso. Os alunos apontaram a dificuldade de concentração como uma problemática, assim como a impossibilidade de fazer anotações e esboços no *eBooks*. Porém esse recurso existe aos livros digitais. É possível fazer essas anotações em PDFs ou em aplicativos de *tablets* e *smartphones*. Esse estudo aponta as dificuldades dos alunos em lidar com a tecnologia do *eBook*.

Dispositivos de leitura digital, como o *tablet*, ainda enfrentam resistência dos leitores. Sua tela dificulta a leitura porque possui a luminosidade semelhante à de um computador comum, o que deixa uma sensação de cansaço com o tempo de uso. Além disso, a leitura também é prejudicada em ambientes de grande luminosidade, como sob a luz do Sol, o que exige aumento de brilho no dispositivo. A tela ainda é responsável por boa parte do consumo de energia do dispositivo, pois precisa ser atualizada continuamente para manter a exibição das páginas do livro. A duração da bateria, cerca de 10 horas, é considerada curta para os que usam *tablets* com o objetivo de leitura. Carregar a bateria diariamente não é satisfatório para esses leitores.

Além de ter que enfrentar a inexperiência do usuário, um grande desafio dos *eBooks* é explorar os recursos multimídias (áudio, vídeo, animação, etc.) e interação, para, assim, quebrar de vez a resistência dos estudantes universitários ou de qualquer outro leitor. Os livros eletrônicos vieram para suprir e adicionar as necessidades que o impresso não pode atender. O impresso e o digital coexistem para o leitor, não há pretensão de um eliminar a existência do outro.

⁸ Disponível em: <http://revolucaoebook.com.br/amazon-vende-70-mais-ebooks- apenas-ano/>. Acesso em: 20/04/2013.

⁹ Disponível em: <http://revolucaoebook.com.br/universitarios-resistem-adocao-ebooks/>. Acesso em: 19/04/2013.



NOVOS USOS DO LIVRO DIGITAL

Aqui, passamos a mostrar os novos usos e necessidades do livro digital, situações estas que, em determinados casos promovem um distanciamento entre o impresso e o eletrônico, em outros, acabam por aproximar bastante as duas versões. Conforme postula Darton (2010), podemos pensar o livro digital como suplemento ao impresso:

O mundo do saber vem mudando tão rapidamente que ninguém consegue prever como estará daqui a dez anos. Acredito, porém, que continuará dentro dos limites da galáxia de Gutenberg – ainda que essa galáxia vá se expandir graças a uma nova fonte de energia, o livro eletrônico, que servirá como suplemento, e não substituto, da grande máquina de Gutenberg. (DARTON, 2010, p.95).

Não se trata de substituir o impresso pelo digital, acreditamos na convivência entre os dois modelos, já que eles suprem necessidades diferentes e o livro eletrônico apresenta novos usos que, combinados, geram uma nova experiência ao leitor.

Com o livro digital, é possível reunir e consultar centenas de obras em um único dispositivo. Geralmente mais leve e mais fino que um livro impresso, o livro eletrônico necessita de menos espaço físico para armazenar e transportar o acervo. Para Darton (2010), essa característica do *eBook* é essencial para as bibliotecas de pesquisa, já que não será mais preciso estocar grandes quantidades de obras impressas, além de facilitar o processo de busca para o usuário.

O recurso de busca do livro digital facilita a organização de leituras rápidas, com foco em exames, concursos ou palestras. Quando não há muito tempo para a leitura, pode-se realizar buscas por assuntos ou até mesmo por palavras-chave que remetam ao conteúdo procurado.

Para quem lida com obras novas e antigas, os livros digitais impedem que a degradação das folhas ou o odor de mofo nas páginas seja um empecilho para a leitura. Muitos leitores e pesquisadores não podem estar em ambientes que reúnem obras empoeiradas, assim, os *eBooks* proporcionam uma leitura ou estudo em melhores condições, com possibilidade de armazenamento, sem perdas e restrições.

Do mesmo modo como ocorre na versão impressa, o livro eletrônico também possibilita a inserção de fichamentos, anotações e marcações. Segundo Ghaziri (2009, p.69), “os comportamentos diante da tela, apesar de parecerem novos, carregam traços do suporte anterior, o impresso”. Como a versão é digital, o usuário também pode editar, deletar e até exportar as anotações e compartilhá-las com outras pessoas.



Passamos a vivenciar uma democratização da informação, já que a difusão do conhecimento se dá de forma gratuita e inclusiva. É possível produzir uma obra e difundi-la sem custos, compartilhar livros de outros autores que porventura não estejam no circuito das editoras, inclusive com comentários e opiniões a respeito do livro ou trechos específicos do mesmo.

Obras antigas, que jamais poderiam ser examinadas por grande parte da sociedade, agora podem ser exibidas, em trechos ou capítulos. Observamos, assim, um favorecimento ao uso coletivo, pois professores e palestrantes podem projetar o conteúdo de um livro sem que o mesmo esteja no local da apresentação.

O *eBook* pode ser visualizado em diferentes dispositivos portáteis, como o *notebook*, *smartphone* e *tablet*. Cada aparato tecnológico possui algumas especificidades, como o tamanho e o tipo de tela, além da capacidade de processamento e armazenamento.

Encontramos, também, diferentes formas de intervenção na obra, a partir da utilização de variados aplicativos para diferentes fins. *Softwares* que reconhecem arquivos PDF e *ePub* nos permitem fazer anotações e marcações; já os editores de texto, como o Microsoft Word, fazem com que o usuário possa reescrever trechos da mesma obra.

Observamos diversos formatos de conteúdo (textual, imagético, sonoro), além da visualização de vários gêneros (obras, quadrinhos, filmes, revistas). Lévy (1999, p.96), destaca alguns destes formatos a partir da utilização do livro digital: “posso não apenas ler um livro, navegar em um hipertexto, olhar uma série de imagens, ver um vídeo, interagir com uma simulação, ouvir uma música gravada em memória distante, mas também, alimentar essa memória com textos, imagens etc.”.

Na medida em que fazemos intervenções nas obras, anotando e criando códigos de cores, formas e traços, estamos criando novos padrões de linguagem que ajudam a repassar impressões, dicas e opiniões. Sempre estamos criando novas maneiras de intervenções, por meio da inclusão de cores ou traços, para realçar determinado trecho relevante, ou por meio de formas e *emoticons*, para demonstrar a importância de algum tema, sem precisar repetir sempre o mesmo texto.

De modo geral, o livro digital pode ser lido em dois tipos de telas, uma que utiliza a reflexão da iluminação do ambiente, e outra, que emite luz. As telas reflexivas são produzidas com a tecnologia *E Ink*, um papel eletrônico capaz de simular com perfeição a legibilidade do papel convencional. As telas que funcionam a partir da



emissão de luz, usualmente de LCD ou LED, estão presentes nos monitores de computadores e *notebooks*, *smartphones* e *tablets*. Os dispositivos que utilizam telas emissivas possibilitam, a partir do uso de bateria, a leitura em lugares escuros ou desprovidos de energia.

Alguns dispositivos, como o Kindle, da Amazon, possuem dicionários embutidos, capazes de realizar uma pesquisa instantânea pelo conteúdo do livro. Já o iPad, da Apple, a partir do aplicativo iBooks, permite que o leitor consulte informações pertinentes com a integração de serviços de busca (Google e Wikipédia) por meio de uma conexão com internet.

Os custos de produção e comercialização são reduzidos drasticamente, uma vez que o próprio autor torna-se capaz de editar e diagramar o livro, a partir de *softwares* com interfaces cada vez mais amigáveis. Não é mais preciso financiar a impressão, qualquer autor pode comercializar seu livro digital no valor que achar conveniente ou compartilhá-lo por meio de grandes empresas, a exemplo da Amazon e da Apple, que cobram apenas uma porcentagem por livro vendido.

CONCLUSÃO

O livro impresso existe há mais de 500 anos. Desde seu aparecimento vem agregando e cumprindo funções a fim de atender às necessidades que surgem com a evolução do estilo de vida das sociedades, tais como entreter, educar, informar, disseminar conhecimento etc.

Nos últimos anos, entretanto, são significativas as transformações pelas quais os livros vêm passando. O surgimento do formato eletrônico acarretou inúmeros investimentos no desenvolvimento, não só dos modelos de *eBooks*, mas de suas plataformas de leitura, como *tablets*, *e-readers* e *smatphones*.

Todas essas mudanças devem-se ao surgimento dessas novas necessidades de uso para o livro. Elas demonstram a importância do digital e garantem ao leitor que opta por este formato, portabilidade e flexibilidade tão necessárias nos dias atuais.

Essa nova forma de lidar com o livro não chegou ao fim, ela deve continuar se estendendo à medida que novas necessidades de uso, além das observadas neste artigo, surjam, de forma a tornar cada vez mais prática a relação dos usuários de livro eletrônico.

Porém, o importante é que entramos em uma era de democratização do conhecimento, em que a produção, a difusão e o acesso ao saber estão cada vez mais



disponíveis, em um processo irreversível. Do mesmo modo que os celulares estão chegando ao alcance das classes mais pobres, os conteúdos midiáticos também, afinal o próprio celular é fonte de acesso a esses conteúdos, inclusive no formato *ePub*, o livro digital próprio para este aparato tecnológico pessoal.

Nesse contexto, tanto a permanência do livro impresso proveniente do mercado editorial, quanto a ampliação de uso do livro digital somarão forças para que o desenvolvimento social e cultural esteja ao alcance de toda a sociedade. Afinal, conforme diz Parry (2012, p. 60): “Como tipo de mídia, o livro encontra-se em excelente forma, e vai escrevendo um novo capítulo de sua história nesta era dos meios de comunicação digital”.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GHAZIRI, Samir. **A leitura na tela do computador**. São Paulo: Baraúna, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOGAN, Robert. **Que é Informação?** A propagação na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Rio de Janeiro: Editora Contraponto - PUC/Rio, 2012.

PARRY, Roger. **A ascensão da mídia: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PAULINO, Suzana Ferreira. Livro tradicional x Livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva? *In: Revista Hipertextus*. n° 3, junho, 2009. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume3/Suzana-Ferreira-PAULINO.pdf>. Acesso em: 10/04/2013.